

Sistema-mundo e contradições dos fluxos de mercadorias e pessoas em meio à globalização contemporânea: o caso do *BREXIT*

*Vinícius Ricardo do Nascimento*¹

Resumo

A realidade contraditória acentua a progressão do desequilíbrio democrático. A representatividade não satisfaz a dicotomia social e está no centro da disputa nas relações internacionais de poder. O protagonismo do trabalho em um sistema capitalista globalizado desigual falha na equidade de oportunidades para os cidadãos. O sistema-mundo é assimétrico, reproduz relações de hierarquia e dependência entre centros, semiperiferias e periferias. A contradição se faz na abertura de fronteiras para o escoamento de mercadorias, simultaneamente ao fato de elevar restrições aos fluxos migratórios. Tem-se o *Brexit*.

Palavras-chave: sistema-mundo; contradição; *Brexit*.

System-world and the contradictions of product and migration flows through contemporary globalization: the case of *Brexit*

Abstract

The contradictory reality escalates the democratic imbalance progression. Representativeness does not attend the social dichotomy and is the centre for international relations power disputes. The lead role that work has on an unequal globalized capitalist system fails to provide equal opportunities for citizens. The world-system is asymmetric, reproduces hierarchy and dependency relations among centre, semiperipheries and peripheries. Contradiction is set on borders opening for goods flow simultaneously to the fact of increasing migratory flows restrictions. There is *Brexit*.

Keywords: world-system; contradiction; *Brexit*.

Sistema-mundo y las contradicciones de bienes e personas em medio de la globalización contemporánea: el caso de *Brexit*

Resumen

La realidad contradictoria acentúa la progresión del desequilibrio democrático. La representatividad no satisface la dicotomía social y está en el centro de la disputa en las relaciones internacionales de poder. El papel del trabajo en un sistema capitalista globalizado desigual no proporciona igualdad de oportunidades para los ciudadanos. El sistema-mundo es asimétrico y reproduce relaciones de jerarquía y dependencia entre centros, semiperiferia y periferia. La contradicción se hace en la apertura de fronteras para el flujo de mercancías simultáneamente con el hecho de las crecientes restricciones a los flujos migratorios. Hay entonces el *Brexit*.

Palabras clave: sistema-mundo; contradicción; *Brexit*.

¹Mestrando em Geografia pela UFSCar - campus Sorocaba. Professor da rede básica de ensino do Estado de São Paulo. Contato: dexter_vrn@hotmail.com

Introdução

Desde a crise de 2008 há uma ascensão do protecionismo nacionalista que abala as estruturas de cooperação internacional e ameaça esvaziar os organismos supranacionais que ascenderam com o avanço neoliberal após as crises do petróleo da década de 70. Objetiva-se verificar as causas que culminaram na saída do Reino Unido da União Europeia através da análise do sistema-mundo de Immanuel Wallerstein.

Parafrazeando Engels e Marx (2014, p. 31): “um fantasma ronda a Europa”, o *Brexit* pode ser o momento de inflexão de paradigma e, conseqüentemente, a geração de um novo processo de organização do espaço mundial, mais rígido no âmbito sociopolítico e mais isolacionista por meio da aversão ao estrangeiro simbolizado na figura do imigrante.

Busca-se uma revisão bibliográfica aplicada ao *Brexit* baseada nos conceitos do sistema-mundo de Immanuel Wallerstein, nas contradições do capitalismo de David Harvey, no espaço do cidadão em meio à globalização de Milton Santos e no materialismo histórico de Karl Marx.

A mão invisível do mercado de Adam Smith, a idealização da divisão internacional do trabalho de David Ricardo e o alarme acionado por Thomas Malthus levaram à uma racionalização burocrática exacerbada. Uma das conseqüências práticas foi o encaminhamento da humanidade a atrocidades e guerras, sobretudo até meados do século XX. Na atualidade, novamente o fator econômico é a justificativa para o fechamento de fronteiras europeias aos fluxos migratórios oriundos, sobretudo, da África Subsaariana e do Oriente Médio. Os centros se fecham em si mesmos e cerram as portas para as periferias.

O Covid-19 serve como exemplo mais recente para explicitar esse isolamento social no Reino Unido, ainda que esse isolamento insular explicita um motivo de saúde ao invés de político-econômico. Os ruídos de comunicação entre os países ter gerado uma falta de alinhamento dos líderes mundiais e dos órgãos supranacionais. Cada governo se isola nas próprias convicções e as barreiras se impõem em todos os continentes.

Os países colonizadores que partilharam a África no século XIX e iniciaram o processo de globalização - compressão tempo-espaço conforme

David Harvey - são os mesmos que fecham as portas aos imigrantes em contradição com os princípios fundamentais previstos por essas mesmas nações décadas atrás por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).

A própria ONU (Organização das Nações Unidas) perdeu o seu protagonismo para presidentes nacionalistas de cunho populista. O discurso dos britânicos não é exceção. A Inglaterra apenas iniciou um processo que pode virar tendência mundial, a depender dos impactos (reações) da separação. O *Brexit* apenas fez despertar anseios latentes de movimentos contrários à integração mundial.

A nostalgia pelo poder hegemônico mundial de outrora está embutida nas mentes britânicas. Todos querem o controle do sistema-mundo. A lei de mercado não é suficiente. Não há equilíbrio natural das forças financeiras e seus lucros privados. A influência e a interferência estatal estão presentes nas tomadas de decisões das políticas públicas.

Um exemplo é o próprio *Brexit*. Com base em questionamentos econômicos e políticos, sobretudo referente ao desemprego na região, fez-se um referendo que definiu pela retirada dos britânicos do bloco econômico europeu ao qual pertenciam desde 1973. A culpa foi transferida para os fluxos migratórios que se intensificaram na segunda década deste milênio.

A grande questão que se impõe é se os Estados nacionais e os blocos econômicos, pertencentes ao funcionamento do sistema-mundo, suportarão as contradições dos fluxos reticulados do capital contemporâneo globalizado.

Aqui cabe a análise específica do *Brexit* como ponto de inflexão, um nó nos blocos econômicos e nos próprios órgãos internacionais (sobretudo de cunho supranacional) cujas consequências servirão de exemplo para a tomada de decisão de outros agentes. Não só isso: a união entre Inglaterra, Irlanda do Norte, País de Gales e Escócia resistirá às pressões políticas e econômicas que virão com o divórcio?

Sistema-mundo e os fluxos da globalização contemporânea

As redes do sistema capitalista globalizado estão intimamente interligadas. A utilização da concepção de unidisciplinaridade de Wallerstein é

fundamental para o entendimento do processo de sistema-mundo. Portanto, a saída do Reino Unido da União Europeia deve ser analisada de modo a integrar diferentes áreas das ciências humanas, tanto de um modo específico (local) quanto de um modo holístico (global).

As diferenças entre países resulta de um processo histórico de formação territorial e consolidação do modelo de Estado-nação. Por isso, trata-se de um paradigma estrutural. As desigualdades são, de modo geral, abismos oriundos de um relacionamento de submissão e exploração com vistas ao acúmulo de riqueza em detrimento da condição humana. As engrenagens nacionais estão gastas, mas as relações hierárquicas permanecem por meio de blocos econômicos e alianças militares.

Importante ressaltar que o oposto de desigualdade aqui apresentado refere-se à igualdade de oportunidades e condições de tratamento, não ao igualitarismo totalitário e absoluto, conforme o raciocínio de Norberto Bobbio apresentado na obra *Direita e Esquerda* (2011).

Com base em Giddens (1991) citado por Castro (2013, p. 76 apud SILVA; SILVA, 2018, p. 214) é possível apontar quatro dimensões do sistema de globalização: (a) sistemas Estado-nação; (b) economia capitalista mundial; (c) Divisão Internacional do Trabalho; (d) ordem militar. No próprio Brasil, as iniciativas geoestratégicas foram idealizadas, predominantemente, pela ESG (Escola Superior de Guerra) e postas em prática majoritariamente no período do nacional-desenvolvimentismo.

Portanto, é possível apontar fatores econômicos e políticos para a análise do processo originado das Grandes Navegações do século XV. As infraestruturas estão conectadas com o fator social e seus fluxos. A dialética entre fixos e fluxos se faz necessária, conforme pensamento de Milton Santos:

Animadas por fluxos, que dominam o seu imaginário, as redes não prescindem de fixos - que constituem suas bases técnicas - mesmo quando esses fixos são pontos. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e não-passivas, as redes não têm em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social. (SANTOS, 2006, p. 188).

A globalização conecta todos os pontos das redes, faz as mercadorias fluírem pela queda das fronteiras. Não existe ponto sem nó no mapa

estratégico da geopolítica. O que se quer demonstrar aqui é a relação entre capital e territórios sob a égide de instituições formais detentoras de soberania como os Estados nacionais. As diferenças nas redes caracterizam a dinâmica de cada país na economia-mundo. Soberania essa que é motivo de discórdia em algumas regiões que buscam independência.

Mesmo a questão do *Brexit* possui um teor de autonomia e independência em seu discurso, um grito de libertação para com a União Europeia. A participação compartilhada em bloco exige um certo grau de submissão em prol da coletividade (o que talvez seja muito para um país que foi berço do liberalismo).

O sistema-mundo representa o abismo geográfico entre nações. Tais nações se associam em blocos econômicos, acordos de comércio e alianças militares para se fortalecerem no cenário internacional. Entretanto, as desigualdades fomentam desequilíbrio e contradições que servem, ao mesmo tempo, de combustível e rachaduras que aumentam conforme a intensificação do capitalismo globalizado contemporâneo. As relações desiguais caracterizam e dão suporte para o sistema-mundo

Os avanços tecnológicos e comunicacionais romperam qualquer barreira (física ou imaginária) por meio de satélites e cabos, reduzindo o tempo e encurtando as distâncias. Entretanto, uma das contradições dos fluxos reticulados capitalistas está justamente na má distribuição dos espaços conforme os interesses das oligarquias (políticas) e oligopólios (econômicos) das elites que regem a hegemonia burguesa do sistema-mundo.

Wallerstein identificou dois tipos de sistemas sociais mundiais:

Um deles foi chamado de *império-mundo* no qual predominou um único sistema político capaz de governar e administrar as áreas geográficas incluídas pelo império. É o caso, por exemplo, do Império Romano. O segundo tipo é denominado *sistema mundial moderno*, dentro do qual convivem diferentes sistemas políticos (Estados nacionais) para realizar diversas tarefas necessárias para o desenvolvimento do capitalismo. (PEREIRA, 2016, p. 126).

O desequilíbrio se faz por meio da exploração de recursos naturais, limitação de acessos e oportunidades, além do esgotamento humano para a sobrevivência, suprindo a demanda e a oferta da lei de mercado que impera. As cidades servem aos interesses dos capitalistas e isso afeta a interação dos

que vivem nelas. Portanto, a perda de espaço público faz parte da lógica privatista estruturada pelas políticas que regem o sistema. Sobre a economia-mundo, Santos discorre:

A criação das economias-mundo de que fala F. Braudel é um momento importante nessa evolução. A partir do século XVI, com a expansão do capitalismo, cria-se a possibilidade de trocas intercontinentais e transoceânicas, de plantas, de animais e de homens, com seus modos de fazer e de ser. As técnicas particulares tendem a se contaminar mutuamente. (SANTOS, 2006, p. 124).

Ainda na década de 70, Wallerstein argumentava em *O sistema mundial moderno* que a globalização é um processo que favorece alguns países em detrimento das nações em desenvolvimento. Portanto, o capital perpetua desigualdades entre as pessoas e diferenças hierárquicas entre os países.

Díades são perigosas para a manutenção do *status quo*. Uma disputa explícita entre proletariado e burguesia é um alto risco que a elite não quer correr. Para dominar é preciso criar barreiras, fomentar abismos, dar esperança por meio da ilusão de mobilidade classista.

O geógrafo brasileiro Milton Santos (2007) já alertava para o risco da inversão de valor da cidadania, transformando o cidadão em consumidor. Isso não é exclusividade de uma única nação. Partidos, empresas, indústrias e governos possuem essa visão distorcida sobre a população. Produtos na prateleira para o consumo imediato ao invés da efetiva participação cidadã. Falta tempo e espaço para o indivíduo ser e refletir.

Na década de 80, o sociólogo Ulrich Beck defendia em *Sociedade de risco* que os indivíduos precisam desenvolver estratégias para lidar com os riscos da globalização criados pelos próprios humanos. Na mesma década o termo “globalização” passou a ser utilizado para se referir à crescente interconectividade do mundo.

Posteriormente, Bauman desenvolveu a ideia de modernidade líquida que seria o estado de constante mudança social resultante dos avanços na mobilidade e nas comunicações no qual nada é permanente. Os fluxos internos e externos acontecem a todo o momento. Entretanto, é inegável que a sociedade capitalista globalizada prioriza a circulação de mercadorias em detrimento do fluxo de pessoas. As migrações, seja por causas sociais ou

naturais, geram um deslocamento massificado constante e indesejado. As exceções se dão ao trânsito de turistas e aos movimentos inerentes ao mundo do *business*.

Quando o fluxo se trata de seres humanos há uma elevação no protecionismo nacionalista. Como exemplo é possível citar o caso do *Brexit* que, apesar do Reino Unido necessitar de mão de obra estrangeira para a ocupação de postos de trabalho menos qualificados cujos próprios cidadãos não possuem interesse, traz a adoção de medidas legais contrárias à entrada dessas mesmas pessoas em seu território.

Neoliberalismo com máscaras, velhas inspirações fundadas em formulações do milênio passado que não se aplicam à realidade social. O próprio reconhecimento pede passagem por meio de uma nostalgia econômica e cultural de outrora, como no caso do *Brexit*, em que os britânicos buscam novamente a hegemonia nas relações internacionais contemporâneas, assim como fora dos séculos XVIII ao XIX.

De um lado está a atratividade do sistema-mundo para a reposição da deflação demográfica dos países desenvolvidos; entretanto, alguns desses países adotam postura restritiva e, por vezes, xenófobas visando afastar as iniciativas de refugiados e migrantes econômicos pouco qualificados para a inserção no mercado de trabalho.

Outro exemplo atual é a pandemia do Covid-19. Ao que tudo indica iniciou-se como um surto em Wuhan, na província chinesa de Hubei, e espalhou-se como epidemia pelo leste asiático, e em poucos meses, chegou a todos os continentes transformando-se em pandemia.

DIT e as contradições do capital aplicadas ao caso do *Brexit*

O sistema-mundo se vale de conceitos econômicos de divisão do espaço com o intuito de atingir as metas de equilíbrio da Divisão Internacional do Trabalho (DIT). O trabalho em si foi utilizado como narrativa do discurso em prol do *Brexit* para conter a suposta ameaça dos estrangeiros no desequilíbrio do mercado interno. A centralidade trabalhista nas relações classistas e sua manipulação é peça central para a manutenção do *status quo* do sistema capitalista globalizado.

A própria DIT é um modelo de perpetuar a distância entre os países, lembrando os escritos econômicos que deram origem à teoria da mão invisível do mercado de Adam Smith e da especialização das nações no processo produtivo de David Ricardo:

Para Harvey (2005), a DIT constitui-se a partir do desenvolvimento do mercantilismo e, progressivamente, com a superação do modo de produção feudal, resultado do aumento da produção e dos lucros com a comercialização e do acúmulo de capital nas mãos dos comerciantes. Esses comerciantes passaram a deter o controle das infraestruturas nas quais se davam as produções de bens e serviços consumidos pela sociedade. Essa concentração de capital passou a se intensificar com a separação entre detentores dos meios de produção e aqueles que detinham apenas a sua força de trabalho para vender como mercadoria. Com a generalização das indústrias, a partir do século XIX, o capitalismo passou a despontar como um sistema econômico internacional que transforma as relações espaciais, econômicas e sociais. (SILVA; SILVA, 2018, p. 156).

Já Santos reflete o trabalho em seus aspectos geográficos no Estado-nação:

O trabalho local depende das infra-estruturas localmente existentes e do processo nacional de divisão do trabalho nacional. Os segmentos locais da configuração territorial do país condicionam o processo direto da produção, sua demanda em mão-de-obra, tempo, capital. O trabalho nacional, isto é, as grandes escolhas produtivas e socioculturais, implica uma repartição subordinada de recursos, oportunidades e competências e a submissão a normas geradoras de relações internas e externas. (SANTOS, 2006, p. 184).

A contradição se faz no discurso de uma política econômica neoliberal para fora e na prática do protecionismo econômico. A guerra comercial entre EUA e China trará efeitos colaterais ao restante do mundo. Aparentemente, não há busca por uma unidade global pelos chefes de Estado que controlam os principais centros do sistema-mundo na atualidade. E ainda pior, algumas das principais semiperiferias buscam espelhar o exemplo vindo de cima.

A anarquia das relações internacionais parece ganhar força e os movimentos separatistas (seja de cunho nacional como a questão da Catalunha, seja de cunho pelo retorno da soberania nacional em detrimento dos blocos comerciais) impulsionam uma dinâmica contrária à integração política e econômica proposta pela globalização.

A mesma mão que acenava para a globalização durante o processo de industrialização e urbanização, agora estende a bandeira nacional no patamar mais alto, como o *Brexit* ou mesmo as ações de Trump nos EUA como a fortificação de um muro na fronteira com o México sob o discurso de “fazer a América grande novamente” e da “América para os americanos”. Uma possível explicação para isso é a ameaça da China à hegemonia anglo-saxã dos últimos séculos.

Alega-se que, mesmo em um momento de pandemia, os EUA confiscaram equipamentos de países aliados como máscaras e respiradores para atender exclusivamente a sua demanda interna, ao se tornar o epicentro da crise de saúde. Falta empatia da nação de maior poderio econômico e bélico dentro do sistema-mundo. Um fechamento profundo em si mesmo que já vem desde 2014 e pode trazer consequências na configuração dos tratados internacionais e alianças supragovernamentais.

Na poliarquia (utilizando-se do conceito de Robert Dahl) a exclusão é o método praticado de forma rotineira, quase imperceptível nos condomínios feudais-contemporâneos. O abismo social separa a elite e os moradores de rua, fomenta a desigualdade, pois só assim é possível que alguém lucre sobre os demais.

O mesmo se aplica nas relações entre países: um processo contínuo de formação de centros, periferias e semiperiferias. No caso do *Brexit*, o imigrante (não qualificado profissionalmente e não registrado conforme a legislação britânica) foi apontado como culpado pela crise social (sendo que em muitos casos é fundamental na execução de serviços estigmatizados). Se o centro é o polo atrativo, então, o resto está às margens das luzes iluministas-positivistas de um determinismo eurocêntrico e anglo-saxão.

Sobra a repulsa, sobra a favela do mundo em terra batida que dá sustentação ao crescimento não sustentável do mundo globalizado. Mero mercado consumidor, assim como ocorreu durante a Revolução Industrial; afinal, necessitava-se consumir o que era produzido pelas metrópoles. A lei de mercado tinha que funcionar, mesmo que às custas da imposição neocolonial.

A perda de relevância está fora de cogitação para quem já ocupou o posto mais alto da hierarquia (vertical) do domínio internacional. O *Brexit* tem como pano de fundo o aumento da concorrência entre os países europeus

oriundo da intensificação competitiva entre os centros capitalistas no final do século XIX com as unificações da Alemanha e da Itália. Novos competidores na disputa por mão de obra e recursos para alavancar o crescimento nacional.

Novamente aqui tem-se a centralidade do trabalho, motor do progresso humano. O *Brexit* é parte dessa guerra velada de centros em busca da hegemonia mundial. Assim sendo, a periferia do sistema-mundo e a própria semiperiferia são apenas meios para se atingir determinados fins. O lema da Revolução Francesa de 1789 (marco histórico de transição da modernidade para a contemporaneidade) parece utópico em uma perspectiva de alinhamento automático ao capital: liberdade, igualdade e fraternidade só convivem juntos no papel em uma sociedade cuja única alternância factível se faz entre as elites.

O capitalismo sofre crises de identidade contínuas e ignora as fronteiras nacionais em sua busca global pelo lucro, explorando os recursos naturais e a mão de obra das nações pobres (dificultando assim o seu desenvolvimento). A compreensão da geografia do capital e suas contradições remetem à David Harvey:

A paisagem geográfica construída pelo capital não é um produto passivo. Ela evolui segundo determinadas regras práticas que – como as que governam a evolução combinatória das tecnologias – têm uma lógica autônoma, porém contraditória. O modo como a paisagem evolui afeta tanto a acumulação de capital quanto a maneira como se manifestam as contradições do capital e do capitalismo no espaço, no lugar e no tempo. A independência com que a paisagem geográfica evolui tem um papel fundamental na formação das crises. Sem o desenvolvimento geográfico desigual e suas contradições, há muito tempo o capital já teria se ossificado e se tornado caótico. Esse é um meio crucial pelo qual o capital se reinventa periodicamente. (HARVEY, 2016, p. 140).

A desigualdade é a força que move e mantém a economia-mundo. Não se trata de uma mundialização, de uma universalização ou mesmo de uma internacionalização integradora. A globalização é a figura econômica do capital na busca por mais valorização. Sua vestimenta atual se faz por meio da especulação financeira digital das grandes empresas transnacionais. A contradição está na união global ao mesmo tempo em que produz a divisão do mundo.

O poder local é fragmentado pelos organismos intergovernamentais que exercem influência e pressão nas relações internacionais como Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização Mundial do Comércio (OMC), grandes empresas, Organizações Não Governamentais (ONGs), além dos próprios blocos regionais.

Tal raciocínio serve para entender a fragmentação do poder nacional e consequente perda de soberania. O *Brexit* é o principal exemplo atual da separação entre um Estado-nação e um bloco econômico. A centralidade do trabalho ocupa o cerne dos debates e das reivindicações, mesmo que, por vezes, sirva de disfarce para segundas intenções.

As consequências desse ato se mostrarão a partir da ruptura factual a ser iniciada em 2021, após o período de um ano de transição. Os acontecimentos a curto prazo (o tempo curto conforme Braudel) serão determinantes para alimentar o desejo de divórcio por parte de outros países (substituindo o modelo multilateral pelo bilateralismo nas relações internacionais), ou ao contrário, reforçarão os laços de cooperação entre os países, sobretudo no âmbito regional?

É perceptível o processo de territorialização (ocupação do espaço e identificação cultural nacional por meio do estabelecimento de um Estado-nação, como por exemplo a Inglaterra no Reino Unido), desterritorialização (perda de parte da soberania por meio de normativas comuns externas oriundas de acordos entre Reino Unido e União Europeia) e reterritorialização (retomada da soberania interna por meio do *Brexit*). Ademais, o próprio Reino Unido viverá um dilema: manter a configuração entre os Estados-membros ou se fragmentar em unidades nacionais.

É possível traçar um paralelo entre esses movimentos de expansão e retração para analisarmos a dinâmica histórica da divisão dos espaços geográficos, partindo da Pólis grega (cidade-Estado), passando pela expansão territorial do Império Romano, reduzindo-se para feudos, ampliando-se para a unificação de províncias por meio do conceito de Estado-nação, estendendo-se para os blocos regionais e organismos internacionais até o enfraquecimento de legitimidade destes (podendo tender para a contração em Estado-nacional novamente). Os próprios conceitos federativos são questionáveis em discussões de cunho político.

Troikas geográficas oriundas de cisões dicotômicas:

Novos padrões geográficos de produção costumam surgir de uma concorrência espacial acirrada, facilitada por meios de transporte e comunicação mais baratos e mais eficientes. Por exemplo, startups na Coreia do Sul – onde a produção de aço é muito mais barata por causa do baixo custo com mão de obra, do fácil acesso a mercados e matérias-primas etc. – afastam indústrias mais onerosas e menos eficientes em regiões mais antigas, como Pittsburgh e Sheffield. Na indústria automobilística, não foi apenas a introdução da concorrência estrangeira que destruiu Detroit: foi também o estabelecimento de novas fábricas no Tennessee e no Alabama, onde a mão de obra era mais barata e o poder sindical era mais fraco. No século XIX, os grãos mais baratos da América do Norte causaram sérios prejuízos aos interesses agrícolas do Reino Unido e da Europa, porque o advento das ferrovias e dos navios a vapor reduziu grandemente o custo e o tempo de transporte das mercadorias agrícolas a partir de 1850, assim como o uso de contêineres no mercado mundial depois da década de 1970. A desindustrialização (lado mais sombrio da expansão geográfica) acontece há muito tempo. (HARVEY, 2016, p. 141).

A contribuição reflexiva de Wallerstein e Harvey são essenciais tanto para a análise conjuntural quanto estrutural das relações internacionais e da geopolítica contemporânea. A ascensão do conservadorismo político ocidental gera no mundo um período de agitação e guinada neoliberal para a sua fase mais extremada e contraditória, muito além do que foi nos anos 80 com Reagan e Thatcher ainda em um contexto final de bipolarização da Guerra Fria.

A pandemia do Covid-19, a Primavera Árabe, a intensificação dos fluxos migratórios, a Guerra na Síria e o próprio *Brexit* são ingredientes explosivos de instabilidade e questionamento dos paradigmas do *establishment* atual. Crises que se estendem no processo do sistema-mundo.

Considerações finais

É possível concluir que os efeitos contraditórios dos fluxos presentes no sistema-mundo geram uma alta carga de impacto na rotina dos Estados e, conseqüentemente, no cotidiano dos cidadãos em meio à globalização contemporânea. Mesmo em diferentes escalas (local, regional e global), a exaustão do capital consome energia nos esforços de reprodução do trabalho, esgotando a paisagem e o tempo. Um exemplo são os efeitos citados por Harvey em cidades inglesas que foram exauridas em um processo de desindustrialização e substituídas por outras localidades.

A perda de parcela da soberania nacional para associações em blocos, o desemprego e a intensificação dos fluxos migratórios são componentes que influenciaram mudanças de comportamentos dos governos e sociedades, como o referendo de 2016 que levou ao *Brexit*. As condições socioeconômicas da infraestrutura determinam o domínio da superestrutura.

A organização do território pelo Estado é essencial para o equilíbrio sustentável entre o indivíduo e o coletivo. Os fluxos de pessoas e mercadorias estão interligados com as redes. A inversão de valores e desigualdades se faz em todos os âmbitos do sistema-mundo, presente nas relações internacionais e sociais. As inflexões do *Brexit* aliadas à globalização da pandemia do Covid-19 serão determinantes para a reconfiguração do sistema-mundo e consequente regionalização do espaço mundial.

A análise de suas assimetrias é fundamental para a compreensão das mudanças na organização do território e na divisão espacial do trabalho. O sistema-mundo permanece uma boa leitura da realidade. Um jogo de xadrez geopolítico de ação e reação entre Estados-nacionais, organizações supranacionais e blocos regionais econômicos. Portanto, trata-se da própria sociedade e sua respectiva luta de classes pela obtenção do poder hegemônico internacional.

Referências

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**; tradução Marco Aurélio Nogueira. 3.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. trad. Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Martin Claret, 2014.

GloboLivros. **O livro da sociologia**. trad. Rafael Longo. 2. ed. São Paulo: GloboLivros, 2016.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

PEREIRA, Alexsandro Eugenio. **Teoria das relações internacionais**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Renata Adriana Garbossa; SILVA, Rodolfo dos Santos. **Geografia política e geopolítica**. Curitiba: InterSaberes, 2018.

WALLERSTEIN, Immanuel. ***The Politics of the World-Economy: The States, the Movements and the Civilizations***. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

Data de submissão: 2020-04-09.

Data de publicação: 2020-08-30.